

ISABEL ARAÚJO BRANCO
CHAM-Centro de Humanidades
NOVA FCSH – UAc
ORCID: 0000-0003-2204-5501

**FUTURO E «TRANSIBERICIDADE»:
JOSÉ SARAMAGO EM DIÁLOGO
COM ENSAÍSTAS CATALÃES**

**FUTURE AND «TRANSIBERICIDADE»:
JOSÉ SARAMAGO IN DIALOGUE
WITH CATALAN ESSAYISTS**

RESUMO: Neste artigo pretende-se compreender como José Saramago e ensaístas catalães do século XX como Josep Pla, Joan Maragall e Gaziell viam o futuro e especificamente o futuro na Península Ibérica. Há elementos que os separam e outros que os aproximam. Uma das atitudes predominantes a este conjunto de autores é a abertura ao mundo, tendo simultaneamente consciência de uma identidade própria e da irreversibilidade da sua existência. «A fronteira não é um limite: é uma grande janela aberta», escrevia Josep Pla. Trata-se, portanto, do diálogo com o outro, da partilha, do reconhecimento, da construção de pontes entre o comum e da compreensão da diferença, com a predisposição para a construção de algo novo. Dá-se particular atenção ao conceito de «transibericidade» proposto por Saramago, no essencial uma proposta de futuro que englobaria não só a Península Ibérica, mas também países da América e de África com tradições ibéricas.

Palavras-chave: José Saramago, ensaístas catalães, Península Ibérica, transibericidade, ensaio.

ABSTRACT: This article aims to understand how José Saramago and 20th century Catalan essayists such as Josep Pla, Joan Maragall and Gaziell viewed the future and specifically the future in the Iberian Peninsula. There are elements that separate them and others that bring them closer. One of the predominant attitudes towards this group of authors is openness to the world, while being aware of its own identity and the irreversibility of its existence. «The border is not a limit: it is a large open window», wrote Josep Pla. It is a dialogue with the other, sharing, recognizing, building bridges between the common and understanding difference, with a predisposition for the construction of something new. I focus on the concept of

«transibericidade» proposed by Saramago, essentially a future proposal that would encompass not only the Iberian Peninsula, but also countries of America and Africa with Iberian traditions.

Keywords: José Saramago, Catalan essayists, Iberian Peninsula, «transibericidade», essay.

Procura-se com este artigo compreender como José Saramago e ensaístas catalães do século xx, em particular Josep Pla, Joan Maragall e Gaziél, viam o futuro e especificamente o futuro na Península Ibérica. Lendo as suas obras, encontramos elementos que os separam e outros que os aproximam. Podemos afirmar que uma das atitudes predominantes é a abertura ao mundo, tendo simultaneamente consciência de uma identidade própria e da irreversibilidade da sua existência (mais do que da necessidade da sua defesa).

Como escrevia Josep Pla, «la frontera no es un límite: es una gran ventana abierta» (Pla, 2004: 148). Trata-se, portanto, do diálogo com o outro, da partilha, do reconhecimento, da construção de pontes entre o comum e a compreensão da diferença, com a predisposição para a construção de algo novo. O mesmo é dizer: do futuro. No caso de José Saramago, para lá da identificação de problemas, mostra-se um possível caminho a seguir não apenas por Portugal, mas por toda a Península Ibérica, propondo o conceito de «transibericidade». Trata-se, no essencial, de uma proposta de futuro que englobaria não só a Ibéria, mas também países da América e de África com tradições ibéricas, e que teria como base indispensável o conhecimento mútuo dos povos peninsulares e a recusa de preconceitos históricos e culturais. Recorda o autor:

Como qualquer outro português antigo e moderno, fui instruído na convicção firme de que o meu inimigo natural era, e sempre haveria de ser, Espanha. Não atribuíamos demasiada importância a que nos tivessem invadido e saqueado os Franceses, ou que os Ingleses, nossos aliados, nos tivessem explorado, humilhado e governado [...]. Absoluto, o que se chama absoluto, do nosso ponto de vista de Portugueses, só o rancor ao Castelhana [...]. (Saramago, 1988: 32)

Partindo deste ponto, há que aprofundar o verdadeiro conhecimento dos povos, que levará a um olhar diferente do «outro» espanhol e a uma melhor compreensão do «eu» português, complementados, pois, pelos outros povos que fazem parte do universo «transibérico». Para Saramago, «a própria Península Ibérica não poderá ser hoje plenamente entendida fora da sua relação histórica e cultural com os povos de além» (Saramago, 1988: 32). A opção cega pela Europa levará ao risco de a Península:

perder, na América Latina, não o mero espelho onde poderia rever alguns dos seus traços, mas o rosto plural e próprio para cuja formação os povos ibéricos levaram quanto então possuíam de espiritualmente bom e mau, e que é, esse rosto, assim o penso, a mais superior justificação do seu lugar no mundo. (Saramago, 1988: 32)

A América Latina é vista, então, como um prolongamento da Ibéria que permite o intercâmbio e o enriquecimento cultural, mas também a concretização da luta que conduzirá ao futuro desejado, nomeadamente pelos zapatistas, no México, ou pelos Sem Terra, no Brasil, tão admirados por Saramago.

Um aspecto que particulariza a concepção de José Saramago é a inclusão de regiões não ibéricas no seu conceito de futuro, tanto americanas como africanas. Daí que o movimento ficcional de escape da Península n'*A Jangada de Pedra* (1986) possa ser visto como uma metáfora da concepção teórica do autor. Há que referir que Josep Pla considerava que Portugal «está mais próximo da América que de Espanha» (Pla, 2013: 72). Nesta medida, esta ideia pode ser vista como um antecedente do «transiberismo».

Poderão alguns afirmar que esta é uma proposta demasiado vaga e que o autor não indicou como concretizá-la e aprofundá-la. Cremos, no entanto, que não se trata de um defeito, antes de uma qualidade, na medida em que o pôr em prática deste projecto só poderia ser planeado pelos próprios povos envolvidos, desenvolvendo estratégias e decidindo em conjunto a forma mais harmónica e equilibrada possível, sem imposições, criativamente desenvolvendo soluções próprias e adequadas ao momento e aos espaços concretos. Como dizia o poeta espanhol Antonio

Machado, «el camino se hace caminando» (Machado, 1999: 150). Também a «transibericidade» só se concretizará com o seu desenvolvimento pelos próprios povos envolvidos.

Um aspecto importante é que, para Saramago e vários autores catalães, unidade não significa união. Ou seja, não deve haver um movimento homogeneizante que, de forma artificial e forçada, anule o heterogéneo, o diferente, o particular, o único. Porque a riqueza está precisamente na diversidade, a diversidade tão valorizada por Gazieli e por Torga. «Os povos ibéricos são nações» (Molina, 1988: 9), afirmou o português. Conservar essa diversidade é duplamente relevante: por um lado, porque preserva essas riquezas individuais; por outro, porque mantém activa a riqueza do todo, da unidade, preparando-a melhor para o futuro e para todos os embates internos e externos. Liberdade e sonho, portanto, como chaves do futuro. De certa forma, esta concepção está próxima de uma questão pensada por vários autores catalães: o local e o universal. Trata-se de dois pólos não contraditórios, mas complementares, e que permitem o prosseguimento da referida riqueza e a vivacidade contínua do território «transibérico».

Joan Maragall escrevia sobre o sonho de uma «unión espontánea entre pueblos que se sienten libres en su amor» (1903: 470-471): associação espontânea de povos livres e que se amam. Liberdade, amor, junção: não é esse também o espírito da «transibericidade», uma unidade de povos livres que se sentem impelidos internamente para se juntarem, ligados por traços históricos e culturais comuns, parentes que hoje, em pé de igualdade, pretendem construir um futuro comum e melhor, alicerçado no passado que os juntou no mapa do tempo e do espaço? Maragall falava em sonho, sonho, afinal, como o futuro de Alejo Carpentier. Recordemos a frase do escritor cubano que serve de epígrafe a *A Jangada de Pedra*: «Todo futuro es fabuloso.» (Carpentier, 2003: 470-471) Sonho como actividade onírica, sonho como projecção de um projecto, sonho como afirmação de todas as possibilidades em aberto, toda a fábula por construir, todo o futuro por concretizar.

Josep Pla sublinha a importância da viagem como processo de aprendizagem e autoconhecimento, como alteração do «eu» face ao outro e a compreensão do que é o «nós» e do que pretendemos fazer com isso.

Nesse âmbito da autodescoberta perante o outro, Saramago recorda que, ao conhecer cada vez melhor a cultura espanhola, sentiu uma alteração da sua relação «primeiro a Espanha, depois à Península Ibérica no seu conjunto (o que equivale a dizer que sobre o meu próprio País eu principiava a lançar um olhar diferente)». (Saramago, 1988: 32) Ou seja, aprofundar o conhecimento de si próprio ao confrontar-se com o até então desconhecido. A viagem está, aliás, bastante presente em Saramago. Encontramos várias viagens ficcionais na sua obra, sendo a *d'A Jangada de Pedra* a mais pertinente no âmbito deste nosso trabalho. A Península Ibérica desprende-se da Europa e navega pelo Atlântico até ao seu lugar natural, do ponto de vista cultural, entre África e a América Latina, respeitando o seu perfil e identidade histórica e cultural. Trata-se de uma aproximação simbólica aos africanos e aos latino-americanos, mas igualmente de um estreitamento de relações entre os vários povos ibéricos, ainda mais unidos por esta aventura, que os leva a outras partes do mundo e que, pelo caminho, os aproxima de uma sociedade ideal, justa e equitativa. Recordemos a organização social que se desenvolve nos hotéis ocupados, regida pelas necessidades reais de quem os habita: «tudo quanto é indispensável à harmonia e bom funcionamento de qualquer comunidade.» (Saramago, 1991: 105) Mas encontramos viagens também no trabalho não ficcional de Saramago. Por exemplo, no artigo «Portugal – fim de milénio, princípio de quê?», publicado em 1990, o autor recorda um episódio por si vivido em meados da década de 1970, num comboio que ligava Bruxelas a Paris e que transportava um grupo de funcionários do Mercado Comum. Quando estes lhe perguntaram qual a sua nacionalidade, Saramago propôs-lhes um jogo de adivinhas, proporcionando informações gerais sobre o seu país, como o regime político, a população, a origem da língua, a religião predominante, a superfície territorial e a existência de costas marítimas a sul e a ocidente:

Durante aquela exasperadora e absurda meia hora, os viajantes europeus torturaram o cérebro em frustradas tentativas de decifrar um mistério que acabou por se lhes afigurar impenetrável. No mapa duma Europa que era, em sentido próprio, o seu campo de trabalho, nesse mapa, mil vezes olhado,

que devia estar pendurado nas paredes dos gabinetes e claramente registado na memória e no conhecimento, esses funcionários, de cuja competência técnica nem mesmo hoje me atreveria a duvidar, pura e simplesmente não viam Portugal. (Saramago, 1990: 105)

Concluiu, então, o autor: «Convenho, pois, em que já saiba a Europa onde Portugal *está*, mas permitir-me-ei conservar a dúvida de que saiba essa Europa o que Portugal é.» (Saramago, 1990: 105) Em Saramago, as identidades ibéricas (sublinhemos o plural) constroem-se face à Europa, não só pela posição em que a Europa Central coloca a Península Ibérica (basta recordar o episódio do comboio), mas também em contraponto com uma vocação diferente, a vocação do Sul, de que Saramago falava, que envolve outros povos e continentes.

Josep Pla refere o desconhecimento mútuo de Portugal e Espanha, ou melhor, de portugueses e espanhóis. Poderíamos fazer a ressalva de certa camada galega, que, por razões políticas, históricas e culturais, se sente mais próxima de Portugal do que de Espanha e que, por isso, conhece razoavelmente o nosso país. Para tal terá contribuído também a divulgação de escritores e bandas portuguesas, durante os anos 1990, nos meios de comunicação de massa da Galiza, nomeadamente na televisão. Grupos musicais como Xutos & Pontapés, Sitiados ou Sétima Legião eram então familiares para os jovens galegos, situação praticamente desconhecida entre nós. Mas trata-se, como é evidente, de uma exceção. José Saramago fala também sobre o referido desconhecimento mútuo e recorda como foi descobrindo por si a realidade espanhola:

Este sistema organizado de malquerenças e desconfianças, quantas vezes paralisador, não me impediu, como não impediu outros portugueses, de me interessar desde muito cedo pela cultura espanhola, em especial a literatura e a pintura. Em distinto plano, também sempre alimentei a curiosidade de saber o que os Espanhóis pensaram de si próprios (e uns dos outros) ao longo dos tempos, e, pouco a pouco, pude sair duma visão histórica globalizada para a apreciação dinâmica das diferenças: julgo ter começado a aprender melhor Espanha conforme ia reconhecendo e identificando, na plenitude da

sua expressão, as diversidades nacionais que via emergir de unidade estatal, de tudo resultando, finalmente, suponho que por um processo não completamente consciente, uma forma de apagamento subvertedor da imagem de Espanha adquirida por via passiva, em favor do surgimento irresistível duma constelação socio-histórico-cultural pluriforme, literalmente fascinante. (Saramago, 1988: 32)

Neste cenário, como construir um território comum, feito de partilhas e conhecimento, orientado para um futuro também ele comum? Parecem-nos que apenas é possível uma resposta: sem a descoberta mútua, sem o reconhecimento do «eu» no outro, sem o fim da desagregação e do isolacionismo não é possível constituir um projecto peninsular ou «transpeninsular» dirigido para o amanhã. Saramago, aliás, faz referência a essa ideia quando defende que a base indispensável da construção do «transibérico» é o conhecimento mútuo dos povos e a recusa de preconceitos históricos e culturais. Quais as probabilidades de tal acontecer?

Talvez o panorama seja mais optimista do que poderia parecer à primeira vista. Por um lado, sabemos que Portugal está na moda em termos turísticos e que o número de visitantes estrangeiros tem aumentado muitíssimo nos últimos anos, entre eles espanhóis. Em 2016, Lisboa era a quinta cidade europeia com o crescimento mais rápido em número de visitantes internacionais, de acordo com o estudo «Global Destinations Cities Index», publicado pela Mastercard (Hedrick-Wong & Choong, 2016). Este contacto directo permite um conhecimento mais próximo e real também entre os povos ibéricos.

Por outro lado, nos últimos anos, tem-se verificado do lado português um progressivo aumento de interesse pela língua espanhola e naturalmente por toda a cultura hispânica a ela associada. O número de alunos no ensino básico e secundário que optam pelo Espanhol como idioma estrangeiro tem aumentado muitíssimo. De acordo com estatísticas disponibilizadas pela Consejería de Educación de Espanha em Portugal, no ano lectivo 2012/2013 existiam 770 escolas com aulas de Espanhol, envolvendo quase 109 mil alunos e cerca de 1100 professores. Comparando com o ano lectivo imediatamente anterior, deu-se um aumento de 11 por

cento no número de instituições envolvidas, 14 por cento de estudantes e de 19 por cento de docentes. A reforma curricular de 2012 e os cortes orçamentais que afectaram o ensino «inverteram o sentido da evolução do estudo de Espanhol pois foi maior a prioridade atribuída ao Inglês», lemos no relatório «O Mundo Estuda Espanhol, 2016», em que se recorda ainda que o Ministério da Educação evitava abrir novos grupos de Espanhol se isso implicasse a contratação de mais docentes. Ainda assim, no ano lectivo 2013-2014 havia mais de 992 mil alunos distribuídos por 935 escolas públicas e privadas.

Este interesse crescente abrangerá não apenas os jovens, mas também os adultos, começando pelos seus pais e professores. De facto, as nossas universidades têm vindo a receber docentes do ensino básico e secundário que, face à diminuição do número de alunos de francês, optam por frequentar uma segunda licenciatura na área do Espanhol e assim ensinar este idioma. A postura inicial de uma parte deste grupo específico de estudantes corresponde com alguma frequência à atitude tradicional dos portugueses em relação a Espanha, mas, neste caso, a recusa e o preconceito estão particularmente acirrados pela situação em que se encontram: sentem-se obrigados a estudar a língua do «inimigo» para poder ter um emprego. Contudo, logo no fim do primeiro semestre a sua postura muda, seduzidos pela evidente riqueza e diversidade de Espanha e dos países da América Hispânica. Passam, assim, de uma posição de fechamento e defesa para uma atitude de abertura e maravilhamento. São, pois, conquistados pelo mundo hispânico. Se tal acontece com estas pessoas apenas graças ao contacto com a língua e expressões culturais e históricas deste universo, o mesmo poderá acontecer com outros sectores da população.

A atitude dos governos da Europa Central e das próprias instituições da União Europeia em relação aos países do Sul ou considerados menos desenvolvidos pode contribuir para uma aproximação destes povos em oposição a quem os estigmatiza. O acrónimo «PIGS», adoptado pela generalidade da UE para designar países em crise como Portugal, Itália, Grécia e Espanha não é ingénuo e as populações destas nações podem tomar este «pigs» ou «porcos» como ofensivo. Se existe um «eles» contra um

«nós» fomentado pela própria UE, é compreensível que se desenvolva e acentue uma identidade do Sul e que Portugal e Espanha se sintam mais próximos face à maioria da Europa.

Podemos, pois, dizer que, para Saramago, o futuro é uma construção humana e depende da acção do homem atingir uma sociedade justa, equilibrada e ética. Estará o futuro dos povos peninsulares na Península Ibérica e os restantes territórios americanos e africanos a ela ligados? Não sabemos. Mas, para concluir, fiquemos com as palavras do autor: «O iberismo está morto? Sim. Poderemos viver sem um iberismo? Não o creio.» (Saramago, 1988: 32)

Referências

- CARPENTIER, A. (2003). *Concierto Barroco* (3.^a reimp.). Madrid: Alianza Editorial. (1903, novembro). Homenaje a Juan Maragall. *Helios*, pp. 470-471.
- MACHADO, A. (1999). *Antologia Poética* (2.^o ed.). Lisboa: Cotovia.
- MOLINA, C. A. (1988, 26 de janeiro). Torga, a solidão solidária e criadora. *Jornal de Letras*, p. 9.
- PLA, J. (2004). *La vida básica: antología mínima de Josep Pla*. México: UNAM.
- PLA, X. (2013). Josep Pla, Portugal i Europa – “La frontera no és un límit: és una gran finestra oberta. In, G. Magalhães e F. F. Silva (org.), *El Dret al Futur. O Direito ao Futuro. Ensaísmo e Pensamento Cívico na Catalunha e em Portugal*. Centro de Estudos Comparatistas, Institut Ramon Llull. Lisboa: Edições Húmus.
- SARAMAGO, J. (1988, 31 de Outubro). «O (meu) iberismo». *Jornal de Letras*, p. 32.
- (1990, 30 de Setembro). Portugal-fim de milénio, princípio de quê?. *Vértice*, p. 105.
- (1991). *A Jangada de Pedra* (5.^a ed.). Lisboa: Caminho.

(Página deixada propositadamente em branco)